

## A AUTOBIOGRAFIA DE ALICE B. TOKLAS

*A Autobiografia de Alice B. Toklas* não foi escrita por Alice B. Toklas, como seria de se esperar de qualquer autobiografia normal, mas, sim, pela sua companheira, a grande escritora e poetisa Gertrude Stein. No Brasil, a L&PM publicou uma excelente tradução dessa obra-prima.

Durante toda a leitura, temos a impressão de que é a própria Stein quem sussurra suas opiniões com um leve sorriso de desdém. Alice apenas registra, com a ponta afiada da pena, o que se dizia nos salões enevoados da Rue de Fleurus.

E talvez seja isso mesmo: todo escritor, mais cedo ou mais tarde, inventa um outro para falar de si. Um espelho que não reflete exatamente, mas refrata, com um ângulo de ironia, os traços da vaidade e da memória. Gertrude Stein foi uma mestra nisso — e fez de Alice a voz dócil de sua própria altivez. Quando diz que Hemingway era bom nos poemas, mas fraco no romance, parece mais um julgamento de salão do que uma crítica literária. Uma sentença que se lançava entre um copo de vinho e um olhar atravessado para Picasso, que o livro, de maneira surpreendente, nos revela ser um obcecado pela pontualidade, que ele dizia ser a virtude dos reis. Em um cavalheiro britânico não me espantaria tal atributo, mas em Picasso, o explosivo artista espanhol, surpreende. Só Gertrude Stein, que o conhecia desde jovem e teve grande papel na sua carreira, para revelar um detalhe tão interessante.

Ali, entre as paredes carregadas de quadros que ainda não valiam milhões, criava-se não só arte, mas também a narrativa da arte. Gertrude se fazia centro e oráculo, e Alice, com sua elegância quase invisível, cuidava do resto: do chá à posteridade. A autobiografia de Alice, escrita por Gertrude, é talvez um dos mais engenhosos exercícios de ventriloquismo da literatura moderna — e um testemunho sobre como o eu pode ser reinventado pela voz do outro.

Porque, no fundo, toda autobiografia é também uma ficção. É a arte de escolher o que lembrar, e sobretudo como lembrar. Quem fala por quem? Quem assina o tempo? E quem dá o tom daquilo que se eterniza? Ao colocar suas opiniões na boca da companheira, Gertrude não apenas burlar a estrutura autoral, mas celebra a cumplicidade entre elas — uma união que desafiava as convenções do amor e da escrita. E, como quem não quer nada, reinventava o papel da mulher na literatura e na vida.

Quando penso nisso, imagino se não deveríamos todos escrever nossas autobiografias pela voz de quem mais nos conhece — ou nos inventa. Não seria mais justo sermos lembrados por quem nos amou em silêncio, anotando nos

cadernos da intimidade os gestos que esquecemos? Talvez o verdadeiro autor de nossas vidas não sejamos nós mesmos, mas aqueles que nos observam quando estamos distraídos — e que sabem rir com ternura dos nossos fracassos e das nossas glórias improvisadas.

Alice, então, não é apenas um artifício literário. É um manifesto: a vida, como a literatura, se constrói a muitas mãos, a muitas vozes, e em muitas camadas. Ao ler sua autobiografia — escrita por Gertrude — ouvimos, em eco, todas as versões possíveis de uma vida bem vivida, entre livros, quadros, amantes e salões. E, sobretudo, entre linhas que apenas as mulheres sabem costurar com tanta arte.

Afinal, como escreveu Gertrude, ainda que por meio de Alice: “*Uma rosa é uma rosa é uma rosa*”. Mas a autobiografia... ah, a autobiografia é sempre outra coisa.